

Crônicas - Narrativa Cronológica

Coronel
António de Oliveira Pena



Outonos na Revista Militar Outubro/Novembro/Dezembro 1854-1904-1954-2004

Nesta terceira Narrativa Cronológica, depois de *Primaveras* e de *Verões*, cuja intenção é dar a conhecer vivências e acervos da Revista, ocorridos há 150, 100 e 50 anos, interligados com a actualidade, continua-se a salientar artigos publicados nos meses de Outubro, Novembro e Dezembro (primeira quinzena) de 1854, 1904 e 1954.

A Narrativa tem como objecto principal despertar a curiosidade dos leitores habituais da Revista para este ou aquele artigo, havendo toda a disponibilidade dos Serviços Administrativos para atender os pedidos respeitantes à consulta, ou até mesmo envio de fotocópia, de algumas das peças publicadas. Em simultâneo tem vindo a revelar-se uma outra *valência* das narrativas, o *despertar* curiosidades por parte de investigadores, e de outros estudiosos do acervo da Revista, no sentido do aprofundamento de todo o seu historial.

A *vivência* geral da Revista nestes períodos foi indicada nas crônicas anteriores. Em 1854 a Empresa tinha 28 Sócios Efectivos (SE) sendo vinte e seis Fundadores. No ano de 1904, nesta crónica analisado até ao número de 15 de Dezembro (ainda Outono), os SE eram apenas 17. Como se disse nas duas narrativas anteriores este quantitativo, os aspectos biográficos de cada um dos SE e os *ambientes* militar e *jornalístico*, e até político, merecem cuidado e profundo estudo para se perceber a fusão, que ocorreu em Janeiro de 1905. No ano de 1954 a totalidade era de 57 e agora, Julho/Agosto de 2004, embora o Regulamento Interno permita setenta, existem 63 Sócios Efectivos.

Em 1854 os Corpos Gerentes (CG) resultavam do “Acordo de 1848”, resumindo-se à *Direcção constituída por quatro elementos; há 100 anos, 1904, já existiam Corpos*

Gerentes (AG/Direcção/Comissão Revisora de Contas) no total de oito. No Verão de 1954 os CG eram 22 (AG/4, Dir/14 e CF/4), sendo o Presidente da Direcção nomeado anualmente pelo Ministro da Guerra de entre os Sócios Efectivos da Empresa. Em 2004 a organização é semelhante à de 1954, mas de vinte elementos. A dinâmica executiva da Direcção tem sido semelhante ao longo de toda a vivência da Revista, sendo cometida há 150 anos a quatro directores, em 1904 a três, há 50 anos a quatro e agora continua-se com Presidente, Director-Gerente e Director-Administrador.

Nos aspectos gerais, em termos de pessoal e material, dos Serviços Administrativos da Empresa, verifica-se considerável diferença entre as quatro épocas em análise, 1854, 1904, 1954 e 2004, havendo actualmente nítida melhoria no que respeita a material e, sobretudo, em pessoal, em termos quantitativos e qualificativos.

A partir da observação do acervo e dos géneros jornalísticos que *percorrem* os números dos outonos de 1854, 1904 e 1954, salientam-se alguns trabalhos, mas conforme se tem vindo a referir o *desafio* consiste em provocar *salutares desejos* para melhor conhecer e interligar as quatro épocas relevadas. Os objectos de investigação proporcionados pela Revista Militar são da maior actualidade aos jovens militares das Forças Armadas (QP do Activo). O acervo da Revista proporciona envolvimento em trabalhos académicos a todos os níveis, nomeadamente cursos de bacharelato e licenciatura, em diversas disciplinas, dissertações de cursos de mestrado, teses de doutoramento, em vários âmbitos científicos e trabalhos diversificados em cursos de pós-graduação.

Em 1854 poucos artigos eram assinados sendo grande parte da autoria da *Redacção* integrada na Direcção.

No Outono de 1904, como já se referiu na narrativa anterior sobre o Verão, embora se saiba agora que houve *turbulência*, uma vez que o Ministro da Guerra, tendo por base propostas da Direcção da Empresa, provocou a fusão de alguns jornais militares na Revista Militar, os números do Outono, numa observação normal, não davam a entender que em Janeiro de 1905 se iniciasse a “2ª Época”. No entanto estudo mais *aturado* do *In Memoriam* do “(...) seu esclarecido e dedicado director, o sr major Fernando da Costa Maya”, publicado no número 23, ano LVI, de 15 de Dezembro (ainda Outono) pode trazer alguma *luz* aos investigadores desta época. O assunto é pertinente pelo que se destaca à frente no espaço da narrativa dedicado a salientar os conteúdos de 1904.

Em 1954, no Outono de há cinquenta anos, destacou-se a Obra Social do Exército, cujo primeiro Presidente foi o General D. Miguel Pereira Coutinho, havendo outros trabalhos de Oficiais do CEM.

Agora, Outono de 2004 verifica-se diversificada produção para o acervo; pormenorização e diversidade nas duas crónicas, *notícias do mundo militar* e *militares nacionais*; a forma regular, de actualidade e profunda, como se apresentam os editoriais e, ainda, a prioridade atribuída às crónicas bibliográficas sobre todas as obras oferecidas à Revista Militar.

Outono de 1854 - há 150 anos.

- **Noticiário Militar** (Novembro)

* *O dia 15 de Novembro* (primeiro aniversário da morte da Rainha D. Maria II).

* *Uma recordação dos nossos tempos antigos* (Macau).

* *Um escândalo que parece insulto* (Moços do correio em grande uniforme de Inverno!!!).

* *Uma viagem ao estrangeiro* (Capitão Graduado de Cavalaria visita estabelecimentos militares de Instrução na França, Bélgica, Áustria e Prússia).

* *Aviso da comissão portuguesa para a Exposição Universal de Paris* (A extensão do anúncio não permitiu condescender com os desejos da comissão no sentido de ser inserido na totalidade).

* *Aula de esgrima* (Ensino generalizado da esgrima na Escola do Exército).

* *Como se consideram em França os militares* (O Governo francês concedeu uma verba para ser repartida pelos antigos militares do Império e da República que provassem a sua idade avançada e falta absoluta de meios).

NOTICIARIO MILITAR.



O dia 15 de novembro. — Tiveram lugar n'este dia, que era o primeiro anniversario da chorada morte de Sua Mage-

tade Fidellissima a Senhora Dona Maria Segunda, os officios funebres na Igreja de S. Vicente de Fóra, a que assistiram Suas Magestades e Altezas, o corpo diplomatico, titulares do reino, as diversas corporações militares, etc. (...)

- **Organização Militar** (Dezembro)

ORGANIZAÇÃO MILITAR.

DESCRIÇÃO DOS ENSAIOS QUE SE FIZERAM EM VENDAS NOVAS PARA
A FUTURA ORGANIZAÇÃO DEFINITIVA DE UMA ESCOLA CENTRAL
DE TIRO DE INFANTERIA E CAVALLARIA.

No dia 18 de junho, em cumprimento das determinações de s. ex.^a, o marechal duque de Saldanha, commandante em chefe do exercito, chegaram ás Vendas Novas os oito contingentes, que deviam dar comêço aos ensaios da escola. (...)

- *As mais urgentes necessidades militares* (Dezembro).

AS MAIS URGENTES NECESSIDADES MILITARES.

O parlamento vai abrir-se, que nos seja permittido resumir n'um breve quadro as primeiras e as mais urgentes necessidades do nosso exercito e as medidas legislativas que podemos e devemos esperar da camara com tanta mais razão quanto é certo que alli existe hoje um numero já consideravel do militares instruidos que serão os primeiros que hão de comprehender estas verdades e pugnar pelo prompto remedio dos males que vamos apontar, e a que ao presente só se pôde obviar pela publicação de novas leis ou revogação das antigas. (...)

Outono de 1904 (Out/Nov/Dez) – há 100 anos.

– *Documento N.º 6 – Estado do Exército* (Outubro)

DOCUMENTO N.º 6

Estado do exercito

Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — Se da consideração das repartições civis, e do arsenal real do exercito, passar V. Ex.^a a considerar o painel que das tropas lhe vou apresentar com toda a verdade, estou certo que V. Ex.^a não se admirará da extrema decadencia em que se acha a disciplina.

O marechal general, conde de La Lippe, não fez senão esboçar, em 1762, e nos annos subseqüentes em que o deixaram obrar, a organização do exercito. Os seus regulamentos de disciplina são informes, as leis militares não provém remedios senão para casos ou partes particulares, e para o momento; em muitas cousas deixavam-se subsistir as novas ordenanças pertencentes a um velho systema: não havia, nem houve depois, nexo algum entre as diversas regulações, porque nunca houve um plano geral de constituição militar: nenhum regulamento economico, nenhuma ordem determinada de compatibilidade; nada, emfim, sobre campos de paz, ou sobre a mobilidade do exercito em campanha.

(...)

– *Considerações gerais* (Outubro)

Considerações geraes

Decididamente, não passamos da velha rotina, porque se mal estamos de vencimentos, não estamos melhor de promoções no exercito, pois, desde 1884, a infantaria permanece como que retraida e estacionaria, quer n'um sentido como n'outro.

O decreto de 19 d'outubro de 1901 não veio compensar a desigualdade do accesso por equiparação ás outras armas ou serviços, segundo o espirito da citada lei; porque, sendo a arma de infantaria a mais adiantada na escala geral, á excepção do corpo do Estado-maior, se alguma coisa

(...)

- *Fernando da Costa Maya* (15 de Dezembro)

REVISTA MILITAR

N.º 23 || 15 de dezembro de 1904 || ANNO LVI

EDITOR — Thomaz Rodrigues Mathias

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Rua da Princesa (Figueiras)
262, sobre-loja

IMPRESSÃO — Typographia Universal
rua do Diario de Noticias, 110 — Lisboa

SUMMARIO

<i>Fernando da Costa Maya</i> , por M. S. 705	NIO J. DE MELLO..... 716
<i>Breves notas sobre a organisação das forças indigenas na Africa central ingleza</i> , por Ivo FERREIRA. 710	<i>Questões de tactica da actualidade</i> , por MELLO e ATHAYDE..... 726
<i>Guetra russo-japoneza</i> , por D. ANTO-	<i>A situação do exercito em 1801</i> 734

Fernando da Costa Maya

Não podia a *Revista Militar* soffrer maior perda do que aquella por que acaba de passar com o fallecimento do seu esclarecido e dedicado director o sr. major Fernando da Costa Maya. Entre os redactores mais zelosos, eruditos e intelligentes que este jornal, desde a sua fundação, tem tido, elle occupava, sem favor, um dos logares primaciaes. E, na dedicação perseverante dispensada á prosperidade da *Revista*, só teve por emulo o general Antonio Florencio de Souza Pinto, que, com o seu unico esforço, conseguiu salvar-lhe a existencia em crise agudissima, occorrida em data já remota. (...)

Esta notícia do falecimento do Major da Cavalaria, Fernando da Costa Maya, contém algumas passagens donde se pode inferir *turbulência* susceptível de poder provocar a profunda alteração no funcionamento da Revista Militar ocorrida logo no mês seguinte, dando-se início à 2ª Época.

“(...) E, na dedicação perseverança dispensada à prosperidade da Revista, só teve por émulo o general António Florêncio de Souza Pinto, que, com o seu único esforço, conseguiu salvar-lhe a existência em crise agudíssima, ocorrida em data já remota”.

A seguir, “ (...) colaborou em diferentes jornais militares, sendo, contudo, a Revista Militar aquele que lhe mereceu sempre especial predilecção, entrando, em janeiro de 1888, para a sua direcção, da qual continuou a fazer parte até ao momento da sua morte”.

E perto do final, “A falta causada pela sua morte no quadro da empresa e da direcção da Revista Militar é irremediável. Dificilmente se encontrará quem tenha esforço e competência para o igualar na dedicação e inteligência que votava à prosperidade d’ este jornal”.

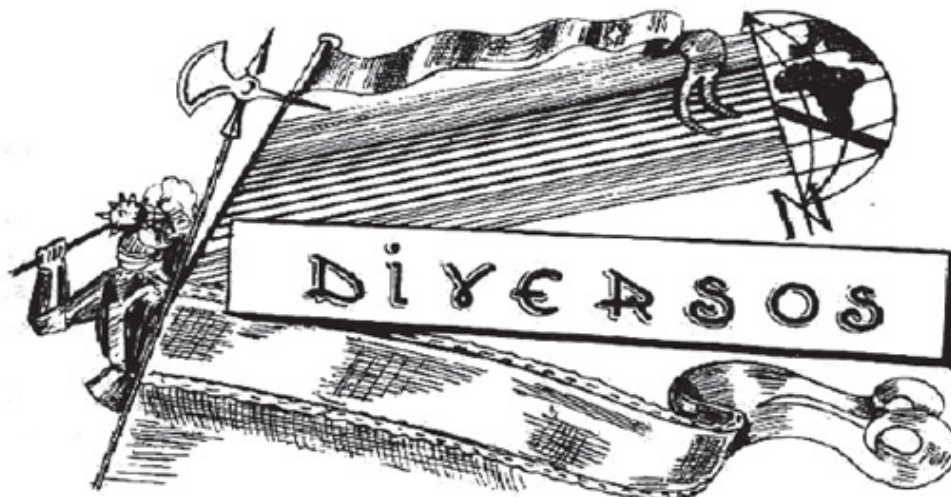
A partir do estudo da necrologia ocorrida em 1890 verifica-se no *in memoriam* do General de Divisão António Florêncio de Sousa Pinto (RM, Nº4, de 28 de Fevereiro de 1890). “ (...) Pelo diz especialmente respeito a este jornal não podemos deixar no esquecimento que ele lhe deve a sua existência. O general Sousa Pinto foi um dos seus fundadores, entrando pouco tempo depois para a sua direcção, na qual se conservou ininterruptamente até ao seu falecimento. Houve uma época calamitosa para a Revista Militar em que a empresa esteve quase resolvida a suspender a sua publicação. Obstou a que se procedesse assim o general Sousa Pinto satisfazendo do seu bolso às despesas correntes, e empregando toda a sua actividade, inteligência e conhecimento nos trabalhos de administração e redacção”.

Na próxima, e última, Narrativa Cronológica, “*Invernos na Revista Militar*”, analisa-se com algum pormenor a Perspectiva Histórica da Segunda Época (1904/1905), mas estas passagens do tempo em análise consideram-se importantes para se enquadrar o acontecimento lembrado número a número na capa da Revista:

***Fundada em 1848 2ª Época 1905
Publicação iniciada em Janeiro de 1849***

Outono de 1954 (Outubro/Novembro) – há 50 anos.

– *Obra Social do Exército* (Outubro)



Obra Social do Exército

Pelo Major do C. E. M.
JÚLIO DO SOUTO CARDOSO

Felizmente já está reconhecida pelo Governo uma «Obra» que de há muito se impunha. Em boa hora o Ministério do Exército viu essa necessidade ou melhor, essa realidade, visto que uma forte acção social vinha já sendo executada pelos Comandantes das Unidades, das Regiões Militares e Governador Militar de Lisboa, de acordo com as suas possibilidades e iniciativas pessoais.

Porém, na hora actual, em que por toda a parte e por todos os países se verifica uma acção social muito desenvolvida e organizada, eram nitidamente insuficientes aqueles esforços isolados.

Assim o reconheceu o M. E., criando em Julho de 1953 a Obra Social do Exército (OSE), destinada a proporcionar aos militares e suas famílias alguns benefícios de ordem material.

À frente desta Instituição, como seu Presidente, foi colocado o Sr. General D. Miguel Pereira Coutinho, oficial que a obras desta natureza tem dedicado o melhor do seu esforço e prestígio pessoal. A sua presença na OSE

(...)

- *No sesquicentenário de Caxias* (Outubro)

No sesquicentenário de Caxias^(a)

Coronel JONAS CORREIA

Professor do Colégio Militar — do Instituto de
Geografia e História Militar do Brasil —
da Academia Carioca de Letras

Nota da Redação: Este artigo nada mais é que a bela oração proferida no dia 25 de Agosto de 1953, em frente ao Panteon de Caxias, pelo Cel. Jonas Correia. Tendo sido remetido para esta redação quando já estava em circulação o número de Agosto de 1953, comemorativo do sesquicentenário do nascimento do Duque de Caxias, não pôde ser publicado na época. Publicamo-lo agora e com prazer, ao ensejo do «Dia do Soldado».

Um sentido das Comemorações

O Brasil comemora, este ano, o sesquicentenário do nascimento do seu grande filho, que foi o Duque de Caxias.

Evocá-lo é sempre oportuno, de vez que sua vida é um exemplário magnífico de virtudes cívicas, onde os brasileiros encontram, inalteravelmente uma acção, um gesto, uma palavra — que há de concorrer para o nosso aperfeiçoamento espiritual.

Nem só a mocidade militar, do Colégio à Academia das Agulhas Negras, encontrará na sua existência uma fonte riquíssima de ensinamentos, assim morais que profissionais. Também a juventude civil, dos Ginásios às Academias, poderá haurir da conduta do cidadão, — que ele foi no mais elevado sentido do termo, — um inestimável acervo de lições, todas emanadas dos árduos embates da vida...

A História aí está. E dentro dela se encontra a sua figura, assinalada pelo espírito de coerência, de desprendimento, de respeito ao poder civil. Não precisamos de forçar o nosso raciocínio, para concluirmos em favor da sua desambição ao título de caudilho ou ditador, tão em voga na época em que viveu.

E que jamais se lhe alterou o equilíbrio espiritual: e esse homem imenso, que poderia dispor de um incontrastável poder, entre a tropa de que era chefe e idolo, e entre o povo de que era garantia de ordem e fascínio de autoridade; — esse homem que fôra esteio indiscutido de um trono, arbitrio só ele dos rumos a seguir pela nação que se estruturava sob suas vistas; — esse homem magnífico, à sombra de cuja força se acolhera, medrosa, a voz dos estadistas, para lhe pedir o amparo prestigioso de uma farda sempre vitoriosa; — esse homem sublimado, que fêz a costura indestrutível

(a) Transcrição da Revista Brasileira «Defesa Nacional»—N.º 481—Agosto, 1954.

(...)

- *Crónicas* (Novembro)

- *Crónicas* (Novembro)



Militar

ORLANDO FERREIRA BARBOSA
Capitão do C. E. M.

Portugal

Exercícios do Governo Militar de Lisboa — Manobras no Campo de Santa Margarida — Constitui já uma tradição a realização de exercícios finais de conjunto pelo Governo Militar de Lisboa, que pelos efectivos que envolvem, podem ser mesmo considerados como umas pequenas manobras. No ano corrente, esses exercícios efectuaram-se, em fins de Agosto, na zona dos arredores da capital a Sul da Serra de Sintra, que se prolonga até à praia do Guincho. Participaram nos exercícios tropas de todas as Armas e Serviços, que actuaram de acordo com um tema que supunha o desembarque de forças inimigas na praia do Guincho com o intuito de desorganizarem a rectaguarda de forças nacionais ocupadas na detenção de um exército invasor na linha Caldas da Rainha — Rio Maior — Santarém — Tejo. As tropas em exercícios faziam parte do Comando Territorial de Lisboa, o qual tinha o seu Quartel General instalado em Ranholas.

(...)

Com a próxima Narrativa Cronológica, *Invernos na Revista Militar*, termina-se o trabalho sobre o *interlaçar* de períodos de há 150, 100 e 50 anos, destacando-se no último artigo a problemática iniciadora da 2ª Época, Janeiro de 1905.

Revista Militar N.º 2434 - Novembro de 2004, pp 0 - 0.

:: Neste pdf - página 28 de 29 ::

António Pena
antoniopena@netcabo.pt
Coronel, Director-Gerente do Executivo da Direcção